

CONGADAS: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E OS AUTOS DE FÉ

Um conciso olhar sobre as tradições populares pelo Brasil

Marcos Manoel Ferreira¹

RESUMO: Este artigo busca refletir acerca do universo dos festejos populares pelo Brasil, que resulta em os componentes culturais e religiosos, interpostos em meio às tradições populares – suas crenças, religiosidades, procissões, o imaginário dos devotos e partícipes dos autos de fé. Ademais, valer-se, não somente da força histórica e o legado das raízes africanas, na cadência dos congos – Congadas –, a estética congadeira, em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, mas também, dos registros, que refazem o caminho destes folguedos, sua história, interpretações e resistência. Tradições populares que contribuem para a formação de uma consciência coletiva e novos sujeitos, além da interculturalidade, a simbiose dos elementos étnicos, religiosos, constitutivos desses festejos. A metodologia aplicada consiste em fontes bibliográficas, trabalho de campo na cidade de Catalão, entrevistas com os organizadores, partícipes e observações empíricas da Festa do Rosário. Tal cenário corrobora para a construção de uma sociedade mais inclusiva, tolerante, multicultural, abarcando ritos, simbolismos, dentro de uma mesma dinâmica cultural e social. Contudo, preservam-se suas características específicas, suas subjetividades, a diversidade nos festejos religiosos, que celebram o ecumenismo, o ecletismo, o sincretismo, o sagrado e o profano, memória da essência originária de suas fontes e raízes.

Palavras-chave: Manifestações Populares. Cultura. Congadas. Memória. Autos de Fé.

CONGADAS: CULTURAL MANIFESTATIONS AND AUTOS DE FÉ

A concise look at popular traditions throughout Brazil

Abstract: This article seeks to reflect the universe of popular celebrations in Brazil, which results in cultural and religious components, interposed in the popular traditions - their beliefs, religiosities, processions, devotees's imaginary and people who have autos de fé. Furthermore, to use, not only the historical strength and African's legacy, by the rhyme of Congo - Congadas -, the aesthetic congadeira, in praise of Nossa Senhora do Rosário, Saint Benedito and Saint Efigênia, but also, of the records, that retrace the path of these (folguedos) joys, their history, comprehension (understanding) and resistance. Popular traditions that contribute to formation of a collective conscience and new thinking, in addition to interculturality, the symbiosis of ethnic elements, religious people, participants of those celebrations. The applied methodology consists in bibliographic sources, fieldwork in Catalão's city (a city in the middle of Brazil), interviews with the organizers, participants and empirical observations in the Rosário's celebration. That scenario supports the construction of a more inclusive, tolerant, multicultural society, encompassing rites, symbolisms, within the same cultural and social dynamics. However, their specific characteristics, their subjectivities and the diversity in religious celebrations are preserved, which celebrate ecumenism, eclecticism, syncretism, the sacred and the profane, memory of the original essence of their sources and roots.

Keywords: Popular Manifestations. Culture. Congadas. Memory. Autos de Fé.



Introdução

Pretendemos, neste artigo, apresentarmos um Brasil de fé, repleto de manifestações religiosas, culturais, populares e suas tradições, crenças e folguedos. Destacamos, neste universo manifesto pela diversidade cultural e étnica, as Congadas nos festejos em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Uma reflexão histórica acerca de suas raízes, significados e as celebrações afro-brasileiras – Congada –, no contexto da grande *Festa do Santo de Preto* (BRANDÃO, 1985), seus aspectos estéticos e ritualísticos.

¹ Mestrando em História – Religião, Cultura e Sociedade - Universidade Estadual de Goiás (UEG); Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Claretiano Centro Universitário; Pedagogo pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Historiador pelo Claretiano Centro Universitário. ID Lattes: 4164-1242-6307-6352. ORCID: 0000-0001-9834-612X. E-mail: professormarcosmanoelhist@gmail.com.

Registros apontam segundo, (TINHORÃO, 1988), (SOUZA, 2002), (FREITAS, 2009), (SILVA, 2009), que alguns folguedos originários da África, no Brasil, as influências culturais africanas nos festejos públicos, nos autos de fé, foram também instrumentos de resistência dos pretos escravizados, espaço de memória, preservando suas tradições, na dinâmica sinérgica da interculturalidade popular e religiosa. Afirmções corroboradas com (OGLIARI, 2014, p. 25), ao afirmar que a “Congada originou vários festejos no Brasil, como em Pernambuco, com a denominação de Maracatu”, por exemplo.

Esses folguedos, manifestações, danças coreografadas, autos de fé e devoção, tornou-se patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN em várias partes do país, em consonância com (BRETTAS; FROTA, 2012), (ROVAI, 2015), (SANTOS, 2016). Esse processo de patrimonialização, o desenvolvimento das reflexões acerca dessa questão, segundo (SILVA, 2012), “levou a uma espécie de refinamento do conceito de patrimônio, e a Constituição de 1988 explicita que o patrimônio cultural brasileiro é constituído de bens materiais e imateriais” em seu Artigo 216. Na dinâmica social e das ações dos sujeitos, das transformações culturais, políticas, econômicas, fundamentais no processo de construção dos espaços de memória coletiva (HALBWACHS, 2004), nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, as congadas foram, inicialmente, “coisa” de preto, portanto, marginalizadas e suas narrativas silenciadas.

O processo de transição entre a evidente perseguição e intolerância aos cultos afro e suas tradições como os congos, tenderam a ser mais toleradas, a partir do momento e do papel desempenhado pelas Irmandades dos Pretos do Rosário. As ações da Igreja Católica instituindo Nossa Senhora do Rosário como a “Grande Mãe Protetora” dos pretos desterrados e escravizados, foi criando possibilidades de um caminho de aproximação e tolerância, ainda que extremamente frágil até os dias atuais. É claro, que as intenções da Igreja e dos senhores, eram exercer um controle maior sobre as práticas culturais dos africanos. Suas danças, as rodas de capoeira, os batuques, suas crenças, ritos etc. A conversão de alguns afrodescendentes ao catolicismo popular, as interfaces com as religiões afro-brasileiras, as interposições dos orixás aos santos católicos como São Benedito e Santa Efigênia, vão construindo uma aproximação e “aceitação”, dos pretos nas Igrejas e a participação de brancos nos festejos do congado.

Um caminho que vem sendo construído nessa caminhada histórica, que ainda tropeça no racismo estrutural e na intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras. Os santos de devoção, de pretos e brancos nos autos de fé em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, como ocorre em Catalão todos os anos no mês de outubro — 2020 em decorrência da pandemia de COVID-19, houve apenas, a parte religiosa da Festa —, consiste em um tributo de agradecimento dos africanos e afro-brasileiros escravizados, pela liberdade conquistada, pela resistência, pela luta e pela fé nos sagrados benevolentes dos afros. Tornando-se os folguedos de origem africana, em grandes celebrações populares, pluriétnicas, ecléticas e sincréticas, com relevância em terras mineiras¹ e goianas.

Nossas fontes, referências teóricas e empíricas nas celebrações, nas quais embasamos nossos registros, são pesquisas de importantes folcloristas, antropólogos, historiadores, africanistas, estudiosos das festas populares, as quais estão inseridos por todo Brasil. Abordagens na perspectiva da — História Oral, Regional, Cultural —, determinantes para a elaboração de alguns conceitos teóricos e reflexões, acerca da importância destas tradições culturais.

¹ Segundo um levantamento feito pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), somente no estado de Minas Gerais, 701 festas do Rosário são realizadas atualmente, nomeadas também como congado, congo, reinado e, como já foi mencionado, congada, podendo receber ainda outras denominações. (MORAIS, 2019, p. 2).

Buscamos compreender as subjetividades no contexto destas celebrações e a vivência empírica dos sujeitos nos meandros da religiosidade popular. Neste entendimento, segundo Barros (2019, p. 134), “a fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo”.

Adotamos como princípio metodológico, uma observação geral do cenário cultural, folclórico e do imagético popular brasileiro. Ressaltando sua importância na dinâmica social e religiosa, suas influências e seu legado. Para que nossos apontamentos atendam uma ordem cronológica básica, procuramos nos pautar, para alguns conceitos – povo, cultura popular, tradição – basilares, que consubstanciam nossas fundamentações.

Nessa direção, segundo Tylor (1871) apud Laraia (2000, p. 25), “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Dinâmica social, estabelecidas nestas interações étnicas e populares, vão moldando as tradições e seus fundamentos.

As percepções e releituras, que possam revelar/reforçar novos conhecimentos, frente aos componentes culturais de diferentes povos, que mais convergem e dialogam entre si, no contexto das tradições e os autos de fé, do que divergem, ou distanciam. Percebemos os elementos presentes no congado, suas estruturas, como possibilidades para o direcionamento, compreensão da proposta aqui apresentada em suas manifestações.

Desenvolvimento

O referencial teórico-metodológico e conceitual de sincretismo presente nesse artigo, ainda que a propedêutica aponte para algumas direções, busca elucidar a propositura inicial, que constitui o cerne desta reflexão. Portanto, se — existe ou não — a percepção por parte dos devotos e partícipes da Festa do Rosário, na Congada de Catalão, acerca do sincretismo intrínseco nos festejos, evidenciam até aqui, visões e entendimentos conflitantes. “Arte e religião constituem fenômenos difíceis de separar, tanto pela atitude de contemplação mística existente em ambos como pela teatralidade do desempenho da liturgia” (FERRETI, 1998, p. 184). Nessa prática cultural, tradições, procissões e comemorações em louvor aos santos/orixás, o sincretismo, por consequência, é uma das características centrais da festa religiosa e popular em Catalão e outras localidades. Como bem nos coloca Prandi:

Em virtude do rico patrimônio cultural que lograram conservar, as religiões negras, especialmente a partir dos anos 60, reencontraram-se com a sociedade brasileira no campo das artes, fornecendo à cultura popular muito de seu repertório, que é convertido em arte profana para o consumo das massas, ganhando, em troca, reconhecimento e prestígio. (1998, p. 155).

O acervo, Fundação Cultural Maria das Dores Campos e o Museu das Congadas, com uma infinidade de material iconográfico, pinturas de diversos artistas locais, fotografias de várias etapas e momentos dos festejos, dispõem de uma abundância de fontes e possibilidades para análises e pesquisas. Material audiovisual como documentários, vídeos populares e institucionais, educativos, bem como músicas e cantigas folclóricas e religiosas. As referidas fontes serão utilizadas para o aprofundamento da pesquisa, reflexões e estudo da dinâmica dos festejos, como orientação e fundamentação teórica, ilustração do trabalho final.

Outro componente essencial nesse processo investigativo será o trabalho de campo, fonte fundamental para coleta e análises de dados/informações. Momento de experiência

empírica e vivência antropológica, participação direta e indireta na festa, rituais, missas, procissões e o contato com devotos, turistas, populares e organizadores. Segundo Oliveira (1996, p. 22), nesses termos, o olhar e o ouvir são parte da primeira etapa de uma pesquisa, enquanto o escrever é a parte inerente à segunda. Adotamos como referências para nossas análises, reflexões e direcionamentos da pesquisa, entrevistas com os envolvidos nos festejos, dois questionários diferentes, aplicados aos organizadores e partícipes, utilizando-se gravador de voz, como meio para obtenção das informações concernentes aos elementos — religiosos, culturais — interpostos nas celebrações. As demais etapas da pesquisa, compostas pelas leituras bibliográficas, visitas a museus e análises dos dados coletados. Os entrevistados, organizados e separados em **3 grupos distintos**, totalizando o número de **30 participantes**, selecionados aleatoriamente entre os componentes de cada grupo. Os participantes, dos **Primeiro e Segundo** grupos, serão escolhidos pelo grau hierárquico que possuem no processo de organização e de responsabilidade legal nas festividades — clérigos e dirigentes das Irmandades. No caso dos participantes do **Terceiro** grupo, devotos e partícipes domiciliados em Catalão.

De norte a sul do vasto território brasileiro, de grandeza continental e raízes pluriétnicas, podemos observar as influências, o pluralismo e a importância cultural dos festejos e folguedos. A religiosidade, crenças, o regionalismo, as lendas, a culinária, o cancioneiro, os tipos e personagens característicos de cada lugar — vaqueiros, castanheiros, caiçara, penitentes, jangadeiros — que permeiam as tradições e o imagético popular. Entendendo-se por imaginário, com a emergência da História Cultural, segundo (PESAVENTO, 2014), como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. São encontros e misturas, resultando no multiculturalismo étnico e religioso. “A miscigenação ibérica, indígena e africana provocou o surgimento de identidades regionais próprias, e essas, integradas em seu tempo e realidade, possuíam universalidade” (PFEFFER, 2013, p. 112).

O regionalismo cultural e seus simbolismos

Na região Norte, destacamos a mitologia e os mitos regionais populares, como de Jurupari, Anhangá; a pajelança, como nasceu o Amazonas, a vitória-régia, o guaraná, o segredo do uirapuru, a origem da mandioca, o boto², o nascimento da noite; danças como o carimbó, jacundá, lundu³, siriri, folguedos e o boi-bumbá, que:

É o bumba-meu-boi do Pará e Amazonas, folguedo que se realiza em Belém e nos arredores, nas festas de São João [...]. É uma variante transparente do Bumba-meu-boi do Nordeste, que se exhibe no ciclo das festas de Natal, enquanto o Boi-bumbá paraense aparece durante o São João. Coreografia movimentada, desafios, saudações. (CASCUDO, 2002, p. 70).

Como o Festival folclórico de Parintins, Amazonas; a Festa religiosa e a grande devoção na procissão marítima do Círio de Nazaré, o ritual do corpo na corda pelas ruas da capital — Belém, no Pará.

² Segundo crença popular, os golfinhos do Amazonas (botos) seduzem as moças ribeirinhas e são os pais de todos os filhos de paternidade desconhecida. Nas primeiras horas da noite, o boto se transforma num bonito rapaz, alto, forte, bom dançador e bebedor, e aparece nos bailes, namora, conversa, frequenta reuniões e comparece fielmente aos encontros femininos (CASCUDO, 2002, p. 77-78).

³ Lundum, landu, londu, dança e canto de origem africana, trazidos pelos escravos bantos, especialmente de Angola, para o Brasil. É um exemplo típico do fenômeno de difusão de uma manifestação folclórica (CASCUDO, 2002, p. 341).

No Nordeste, a mitologia e as crendices, a reza brava; os folguedos — reisados e pastoris, os guerreiros alagoanos, o quilombo, a vaquejada, o Maracatu Rural ou Baque Solto de Pernambuco, os caboclinhos, o afoxé na Bahia, a marujada, o bumba meu boi, especialmente o do Maranhão —, dentre outros. A presença marcante da religiosidade popular, nas inúmeras manifestações, Bom Jesus da Lapa, o traço sincrético interposto nas Festas de Nosso Senhor do Bonfim⁴, Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, Bahia. O Candomblé, São Francisco das Chagas em Canindé e o Padre Cícero “Padim Ciço” em Juazeiro do Norte, Ceará. Nas danças, o coco, frevo, bambelô, bate-coxa, forró — xote, pé de serra, xaxado, baião —, os dois maiores arraiais de São João do mundo, Campina Grande, Paraíba e Caruaru, Pernambuco.

No regionalismo sulista, miramos, traços mais acentuados das influências europeias, principalmente a partir do século XIX, com o crescimento do fluxo da imigração europeia, em decorrência da abolição da escravidão em 1888. A mitologia na região sul, por exemplo, vinculada a personagens reais e fatores políticos, que marcaram as lutas e as grandes batalhas, criando heróis; o universo lendário do surgimento da noite, do lagarto encantado, do Negriño do Pastoreio, da Vila Velha, da Erva-Mate etc. Os folguedos, o boi de mamão, congadas, farrá do boi, entre outras. No que concerne aos aspectos da religiosidade, da devoção e da fé, cada grupo que vieram para o sul do país, das mais diferentes partes da Europa, mantiveram crenças estratificadas, que continuam presentes. O Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, em Brusque, Santa Catarina, devoção à Nossa Senhora da Saúde, Caxias do Sul, Paraná, entre outras celebrações e religiões. Os cultos afro-brasileiros, possuem grande presença nas tradições religiosas sulistas, como na tradicional Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Procissão de barcos pelo rio Guaíba, conduzindo a imagem da santa, sincretizada no culto à Iemanjá, com entrega de flores e presentes para o orixá, lançados ao rio/mar durante a festa.

Na região sudeste, a mitologia e as lendas, como Saci-Pererê, bicho-mamãe, a visão do linguado, vitória do santo, a senhora da glória, o gigante da pedra etc. Os folguedos — congadas, folias e reisados, pastoris, Festa do Divino — e danças.

No Centro-Oeste, as tradições populares, os rituais indígenas na Festa do Javari, celebram os ancestrais e confraternizam entre outras nações indígenas do Xingu, a Serra Encantada — procura, *fawcett*, busca —; a mitologia e lendas fantásticas. Nesta região do Brasil, alguns folguedos são também, muito característicos no Sudeste. Em decorrência do processo de colonização no Centro-Oeste, a partir dos indivíduos oriundos de São Paulo e Minas Gerais, que introduziram tradições culturais e religiosas, como a Folia de Reis, a Congada etc. Em Goiás, a Procissão do Fogaréu na quarta-feira Santa, o folguedo da Cavallhada⁵ corroboram os autos de fé e seus simbolismos. Em Goiás, a Festa do Divino no contexto das Cavallhadas, são realizadas em algumas localidades, entre os meses de junho a setembro. Destacando-se, as cidades de Posse, Santa Cruz de Goiás, Jaraguá, Pirenópolis — a principal —, Palmeiras de Goiás, Crixás, Hidrolina, São Francisco de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Corumbá de Goiás, Pilar de Goiás. Contudo, a Congada nos festejos do Rosário em Catalão, é outro

⁴ O Senhor Bom Jesus do Bonfim, na igreja de mesmo nome, bairro de Itapagipe, cidade de Salvador, Bahia, e centro de tradicional e popular festa em janeiro de cada ano, reunindo um número incalculável de pessoas que pedem graças, cumprem promessas ou apenas vão conhecer essa festa religiosa que já alcançou repercussão mundial. O Senhor do Bonfim é identificado como o maior dos orixás, iorubanos: Orixalá ou Oxalá. A lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim, que acontece durante a comemoração da data, é realizada pelas filhas-de-Oxalá e constitui um grande acontecimento de fé e devoção (CASCUDO, 2002, p. 76).

⁵ No Brasil há duas modalidades. Uma delas faz o relato das lutas que ocorrem entre Carlos Magno e os Doze de França contra os mouros. Apresentam-se em campo aberto e realizam embaixadas simulando lutas, prisões, raptos, mortes, encerrando com o batismo dos mouros (CASCUDO, 2002, p. 124).

significativo evento popular e religioso, conforme Silva (2016, p. 49), “Os integrantes da congada de Catalão resgatam o universo lúdico da festa como um mito de origem ou a certeza de que veio da África com os escravos”. A diversidade de manifestações, transformam a região Centro-Oeste, em um respeitável palco de pluralismos, sincretismos e fé. O Cururu, Volta-Senhora, Marimbondo, Recortado, Serra Moreninha, Catira, além de outros folguedos também permeiam estas tradições regionais.

Cultura popular, tradições e os autos de fé⁶

O processo histórico e étnico na constituição cultural brasileira foi marcado pela diversidade e as inter-relações do triângulo atlântico. Resultando na pluralidade de tradições, crenças, simbolismos e a sobrevivência de elementos singulares, característicos de cada povo, ficando perceptível a composição dos sujeitos e a formação de uma consciência coletiva, nestas manifestações populares e sincréticas.

Entre os festejos tradicionais e seus folguedos, os congos ou congadas, se manifestam como grande legado africano e a resistência do povo preto. Que através de suas danças, músicas, cores e o culto à — Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia — possuem papéis notórios no calendário popular e religioso brasileiro. Devoção, celebrações alegóricas, a alegria e a exaltação à liberdade, alusão ao sofrimento no cativo seu grilhão, o culto aos orixás⁷ e sua longa história de resistência e sincretismo. “Os africanos e afro-brasileiros impedidos de cultivar os orixás, valiam-se de imagens e referências católicas para manter viva sua fé” (JÚNIOR, 2013, p. 19). Neste cenário, a Congada de Catalão, carregada de religiosidade e simbolismos, atua como elemento de agregação social, étnica e cultural, perpassando diferenças e divergências religiosas, como “compreensão do significado da Congada Nossa Senhora do Rosário como sistema ritual sincrético, que envolve o entrelaçamento de religiões, bem como a identidade e memória coletiva do grupo social” (ALMEIDA, 2012, p. 22). No contexto das celebrações congadeiras, as tradições afro coadunadas ao catolicismo popular, em simbiose com a devoção aos santos protetores dos pretos. Nessa perspectiva, os festejos em louvor aos santos e em comemoração à liberdade, se transformam em manifestações profusas e populares.

A escravidão no Brasil, colocou em contato, religiões diferentes, o culto aos santos católicos e as interposições dos orixás, como instrumento de resistência, vínculos e o legado com à terra natal. Assimilando e trocando entre si, elementos semelhantes de suas culturas. Enfrentando o racismo e a intolerância religiosa, os festejos de pretos — escravizados ou forros —, suas manifestações populares, que aos poucos, foram consolidando cultos e interculturalidade. As dificuldades para a realização das festividades, estavam por todos os lados e enfrentavam desafios severos, marginalizados por uma sociedade escravagista, católica e seus belesguins locais. Segundo Viana:

⁶ Forma teatral de enredo popular, com melodias cantadas, tratando de assunto religioso ou profano, representada no ciclo das festas [...] congada ou congos etc. Desde o século XVI os padres jesuítas usaram o auto religioso [...]. O gênero popularizou-se [...] (CASCUDO, 2002, p. 29-30).

⁷ Etimologicamente e em tradução livre, “divindade que habita a cabeça” (em iorubá, “ori” é cabeça, enquanto “xá”, rei divindade. São agentes divinos, verdadeiros ministros da Divindade Suprema (JÚNIOR, 2013, p. 29).

Sob o ponto de vista das autoridades governamentais, religiosas e dos senhores, as festas negras foram muitas vezes descritas como “folias”, “batuques”, “vozerias” ou “tocatas de preto”. Esses termos eram usados em debates políticos e na imprensa do século XIX para qualificar as diferentes manifestações festivas dos africanos e de seus descendentes. Alguns senhores viam com desconfiança as festas dos negros. (2012, p. 48).

Ainda segundo (VIANA, 2012), por determinação das autoridades constituídas, locais, municipais, as manifestações deveriam ser realizadas à luz do dia. A exigência governamental, era um instrumento de poder e controle, com a finalidade de se evitar os excessos e garantir a “moral” dos pretos durante os desfiles. Realizando durante o dia, seria mais fácil para vigiá-los. Contudo, eles preferiam à noite, pois, teriam maior liberdade. Os olhares equivocados e preconceituosos, eviscerava a realidade colonial, imperial e dos que por aqui passavam. “A escuridão acabou por encobrir estes personagens, que não poderiam querer mais do que nela se confundir” (CASTELNEAU, 1843 apud VIANA, 2012, p. 50). Um “singular espetáculo” pontuado por “balbúrdia” e “extravagância”, afirmou ainda o naturalista (CASTELNEAU, 1843 apud VIANA, 2012, p. 50), em sua passagem pela cidade de Sabará, Minas Gerais.

A resistência e a devoção às suas raízes africanas, a adoção de Nossa Senhora do Rosário, como santa padroeira dos pretos, aos poucos vai se afirmando e se interpondo ao catolicismo popular, assimilando e interagindo elementos específicos de suas culturas. A multiplicidade, a ação cultural em si, na qual a sociedade está imersa, processo fundamental para a construção da identidade dos sujeitos, evidenciando a necessidade humana do sagrado, o imagético popular, constituindo a cultura de um povo.

Essas manifestações populares, seus ritos e procissões; os folguedos e suas variantes regionais; os festejos, o misticismo, o sagrado e o profano; suas credences e os saberes de domínio público — os quais, não se sabe ao certo, ou quase sempre, suas origens —, seus elementos constitutivos, nas mais diversas celebrações culturais. Portanto, observamos que:

Com efeito, as Congadas representam lembranças de reinados africanos por meio de festejos, festas, festividades onde estão incluídas as procissões, coroações, desfiles de apresentações dos Grupos, Guardas, Bandas ou Ternos; novenas, novenários, missas campais, almoços coletivos e outras atividades ligadas ao contexto da festa e o Congado como forma de organização sociocultural cotidiana dos grupos, uma manifestação cultural e social que acontece no decorrer do ano, independente da data em se realiza a festa da Congada. (BRASILEIRO, 2016, p. 22).

A interculturalidade, simbolismos, os sujeitos manifestos nestas festividades, a simbiose cultural afro-brasileira e a religiosidade, suas singularidades e as subjetividades locais, geográficas e históricas. Evidenciando as influências e o pluralismo cultural, a tolerância religiosa, marcantes em meio às diferenças, suas representações litúrgicas, teológicas e as diversidades étnicas. Manifestações profusas, congadas, autos de fé, o catolicismo popular, candomblecismo, umbandismo, devoção, festejos dançantes, coreografados, tradições populares, sempre em transformação, absorvendo, incorporando novos componentes e suas influências. Conforme podemos observar:

A cultura congadeira subsidiada pelas cantigas, pelas rezas, coreografias, ritmos, cores, celebrações das mais diversas ordens, contam e cantam coisas também antigas, de guerras, de lutas, de batalhas, de fé. [...] Estas práticas culturais com as suas festas, suas danças, seus cantos e mais propriamente com o ressoar de seus tambores igualmente enunciam uma mensagem que não só aquela de tristeza, de rebelião ou de fé. (BRASILEIRO, 2016, p. 22).

Manifestações resultantes das práticas culturais, na dinamicidade do processo de transformações históricas e tradições, no contexto da contemporaneidade. Em consonância com Laraia (2000, p. 70), que afirma ser “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. As considerações e contribuições conceituais de povo, cultura, folguedos, fundamentadas na antropologia, História Cultural, Oral, passando — direta ou indiretamente — por outras ciências e áreas afins.

Dessa forma, os princípios basilares para a compreensão dos aspectos constitutivos das Congadas, no contexto das celebrações em louvor à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia pelo Brasil, constitui-se no escopo desse artigo. O culto manifesto nas celebrações, como expressão de tradições e fé dos partícipes envolvidos, suas representações, transcódificações simbólicas, a dinâmica ritualística, a subjetividade, no universo cultural popular e religioso.

Congada: História e memória

A relevância histórica e cultural dos povos de Angola, Mali, Congo, Benin, Togo e todas as suas contribuições, dentro de um processo sincrético e latente, estão presentes nas tradições brasileiras, resultado da ocorrência do contato direto entre o branco europeu e o preto africano. As novas demandas da política mercantilista europeia (XV-XVII) principalmente, desenvolvida pelos Estados-Nação, intensificou a necessidade de uma balança comercial favorável, estruturada no metalismo, no colonialismo e nas práticas portuguesas no périplo africano. Com ações insidiosas em várias regiões da África, incentivando as rivalidades internas, para comprar os vencidos e escravizá-los fomentando o lucrativo comércio de seres humanos pelo mundo, pelas rotas marítimas do Oceano Índico, Mediterrâneo, Atlântico e a recrudescência do processo diaspórico. Os africanos escravizados, desterrados da terra natal, reduzidos a reles mercadorias, comercializados para o trabalho nas lavouras canavieiras, cafeeiras, minas auríferas e as mais diversas ocupações.

A partir do século XVI em Pernambuco, exacerbava-se a atividade econômica do tráfico negreiro e descortinava um panorama comercial rentável, pautado na compra e venda de seres humanos. Comércio alicerçado na injustiça, na violência e no racismo, na escravidão preta, vítimas do senhorio cristão europeu. Sob o tinir dos grilhões, desembarcaram no Brasil aos milhares e, com eles, além da dor do exílio e o banzo da terra mãe.

A partir de meados do século XVII os europeus aperfeiçoaram ainda mais seus métodos de trabalho. Os principais motivos de sua prosperidade foram a exploração da mão de obra africana e seus empreendimentos nas Américas. [...] O tráfico de escravos africanos para o Brasil ocorreu do século XV até meados do século XIX, quando caiu na ilegalidade. Incluiu a chegada gradativa de homens e mulheres provenientes da costa ocidental da África, do atual Senegal até a Angola, e também da contra costa, principalmente no período do século XVII, em que os angolanos estiveram sob o domínio da Holanda. (LOPES, 2008, p. 33-49).

Registros indicam que no Brasil, segundo (SIMÃO, 2010), (SANTOS, 2011), a existência de organizações de pretos em Confrarias do Rosário⁸ — em referência à Nossa Senhora do Rosário —, as primeiras Irmandades a partir da segunda metade do século XVII (SANTOS, 2018). Outros importantes estudos corroboram o papel das Irmandades e o quanto contribuíram — ainda que idealizadas pelos brancos — no processo de união, resistência e o fortalecimento entre os afrodescendentes, que possibilitavam entre outras ações, a ajuda financeira aos mais desprovidos, por exemplo. Ou seja:

As irmandades eram associações religiosas que permitiam aos negros se reunir de modo relativamente autônomo em torno da devoção a um santo católico. Espalhadas por diversas áreas do Brasil escravista desde o século XVII, as irmandades eram locais em que se criavam laços de solidariedade e ajuda mútua entre seus integrantes. (VIANA, 2012, p. 47).

A importância desses espaços para seus integrantes, como possibilidades de se organizarem dentro da resistência contra a escravidão, ex-escravizados que em sua nova condição poderia auxiliar economicamente com outros membros em situação de maior vulnerabilidade, estabelecendo vínculos ainda mais fortes para a preservação de sua cultura e tradições. “Na verdade, essas organizações civis dentro da Igreja permitiram conservar as particularidades das diversas nações africanas, servindo de estratégia de organização política, só permitindo a entrada de outras pessoas depois de muito tempo” (SANTOS, 2018, p. 4).

O hibridismo do povo brasileiro, os indígenas, o branco europeu e o preto africano, resultando na pluralidade, diversidade étnica e cultural. Processo insidioso, marcado pelo paradoxo histórico entre o “progresso” e o discurso proselitista em “nome de Deus” — sob a égide da bíblia e da espada —, persuasivo e etnocêntrico. O sermão catequético, abrindo caminho e legitimando o genocídio cultural, físico dos povos indígenas e africanos. O sangue vertido em nome da fé católica sob o aval da coroa, do eurocentrismo lusitano, do metalismo pilhado e da balança comercial favorável, perpetuando abismos históricos e o racismo estrutural. Em consonância com Aladrén (2012), “A expansão do Império português, justificada pela propagação da fé católica [...]”.

Assim, Freyre (2004, p. 66), afirma “A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África”. A colonização portuguesa cristã, Católica Apostólica Romana e as relações, triangulares — Europa, África, América — ponto de partida, para compreensão das influências religiosas e sincréticas no Brasil, sua política mercantilista, o tráfico negreiro e as ações imperativas escravocratas. Segundo Freyre:

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português, cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. (2004, p. 65).

Dessa forma, a riqueza na perspectiva antropológica, cultural das “misturas” religiosas, o folclore, os folguedos, suas danças, festas populares, as tradições de cada povo — resultando

⁸ A eleição de reis negros meramente titulares, a coroação deles, e as festas que proviam disso, Congos, Congadas, sempre até hoje se ligaram intimamente à festa, e mesmo à confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que relembavam ao negro os seus cortejos reais da África (Andrade, 1935 apud CASCUDO, 2002, p. 301).

em um universo multifacetado — o catolicismo popular, os rituais e simbolismos indígenas, as religiões de matriz africanas e o relativismo cultural. Os elementos sincréticos do candomblécismo⁹, do umbandismo¹⁰ e suas ramificações pelo Brasil, a macumba, o vodu¹¹, a pajelança, o catimbó, os santos, os orixás, os caboclos, os pais de santo, os pretos-velhos, suas singularidades, subjetividades e interposições. O desenvolvimento de uma forte identidade dos afro-descendentes com suas raízes, a Congada como mecanismo de luta, frente às imposições religioso-culturais e a todo tipo de violência — física, moral, psicológica, religiosa — praticada pela Igreja e seus senhores, brancos, algozes e cristãos. Conforme Freyre (2004, p. 398), “mesmo a relação bruta produzida pela escravidão não impediu que a cultura africana exercesse forte influência sobre a cultura desenvolvida na América Portuguesa”. Assim:

É confirmada a importância da Congada no Brasil pelos registros dessa festa em muitos Estados e em todas as regiões, essa festa permanece associada a louvor aos santos católicos, seguindo como centralidade a representação da figura do rei do Congo. Pelo grande número de componentes envolvidos nesta festa, leva-nos a crer que essa dramatização perfilou em muitos negros uma manifestação de resistência. [...] Ao reconhecer a cultura afro-brasileira, busca-se elucidar as tradições dos antepassados africanos expressas nessa cultura, nesse aspecto a congada é uma manifestação que se dá a partir de uma resignificação ligada aos elementos da musicalidade, da religiosidade e da expressão corporal africana, a preservação e manutenção das tradições é a mais forte expressão de resistência. (FREITAS, 2016, p. 4-7).

Nessa perspectiva, o sincretismo manifesto na Festa de Nossa Senhora do Rosário, seu liame com as religiões afro-brasileiras e segundo as tradições congadeiras dos pretos escravizados, conecta-se com a proteção de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. A luta pela abolição da escravatura, a resistência e a devoção aos santos protetores dos pretos, eram algo fomentado nas senzalas e em seus rituais tomados de africanidades. Muitas das músicas, cantigas cantadas nos festejos em louvor à Nossa Senhora do Rosário são interfaces permanentes nos vários pontos cantados, as representações, as danças, a batida do tambor e as organizações da Umbanda. Muitos usam as guias de proteção, São Jorge Guerreiro, São Benedito, correntes de Preto-Velhos do rei Congo. Portanto, possui conexões muito fortes com os ancestrais e com o catolicismo popular.

A partir de 1850, com a vigência da Lei Eusébio de Queirós, proibindo definitivamente o tráfico de escravizados para o Brasil, foi peremptória no processo de redução do fluxo de entrada de novos cativos africanos no país. Mesmo sendo uma legislação, que, na prática, atendia muito mais aos interesses do capital inglês do que aos escravizados, a permanência das tradições culturais africanas, permaneceram resistentes.

De acordo com Berger (2017, p. 20), “o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. Constituindo um sentimento de tolerância e diversidade cultural e religiosa, em

⁹ Festa religiosa dos negros jeje-nagôs na Bahia, mantida pelos seus descendentes e mestiços. Lugar onde essa festa se realiza. Macumba, no Rio de Janeiro. Xangô, em AL e PE [...] (CASCUDO, 2002, p. 103).

¹⁰ Os cultos de origem africana do Rio de Janeiro chamavam-se, coletivamente, candomblés, como na Bahia, reconhecendo-se, contudo, duas sessões principais — os orixás e os alufás, ou seja, os cultos nagôs e os cultos muçulmanos (malês) trazidos pelos escravos. Mais tarde, o termo genérico passou a ser macumba, substituído, recentemente, por umbanda (CASCUDO, 2002, p. 708).

¹¹ Denominação genérica dos deuses jejes, de vodu, santo, consagrado. Os vodus jejes são menos conhecidos, graças à prestigiosa popularidade dos orixás nagôs. Vivem sob os nomes iorubanos, Badê ou Sobô (Sogbo) é Xangô, Loko, a gameleira, é Iroko [...] (CASCUDO, 2002, p. 735-736).

processo na sociedade brasileira. Mesmo frente aos avanços abolicionistas, a resistência dos negros contra a opressão e a escravidão, não vivenciaram, não se concretizaram — ainda —, as esperanças advindas da Lei Áurea, que não se traduziu no que de fato, se destinava. Ou seja, em tese, se esperava do último país das Américas a libertar os escravizados africanos e afro-brasileiros, algo para além da legislação abolicionista sancionada em 13 de maio de 1888. Uma abolição que de fato arcasse a liberdade plena, a inclusão, o amparo do Estado e um mínimo de compensação/indenização aos escravizados. Contudo, o que se assistiu e persevera em pleno século XXI:

[...] Negros abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação. (MARINGONI, 2011, p. 2).

A realidade foi bem diferente, a liberdade sob a pena da Princesa Isabel, prevaleceu de fato, os interesses oligárquicos, escravagistas, racistas e excludentes. A elite econômica albugínea não estava interessada em uma reforma ou justiça social, o modelo escravocrata no final do século XIX, tornou-se um entrave para o desenvolvimento econômico. Os escravizados libertos do tronco, amontoaram-se em morros e favelas, marcados não somente pela cor da pele, como também sob a pseudociência que buscava justificar, a inferioridade desses indivíduos pretos, frente a defesa do branqueamento da sociedade brasileira, com a chegada dos imigrantes europeus. O racismo, prevaleceu ao abolicionismo, com raízes internas e externas, atestado no século XIX, com “teorias racialistas para justificar a superioridade intelectual, física e moral do europeu branco”, que pretendiam legitimar. Nesse contexto de transição do trabalho escravo para o trabalho livre que as teorias raciais desenvolvidas na Europa começaram a penetrar no pensamento social brasileiro (SILVA, 2010, p. 2). Segundo o autor, foi o surgimento do “racismo como construção social baseado nos pressupostos científicos”, os “cientistas”. Destaque para o conde francês Joseph-Arthur Gobineau (1816–1882) e o psiquiatra italiano Cesare Lombroso (1835-1909), que nessa perspectiva, os princípios burgueses defendidos de forma ardorosa, liberdade, igualdade e fraternidade entre brancos e que justificava a exploração, a escravidão e o massacre de outras etnias. No Brasil os “homens de Ciência”, como: João Batista Lacerda, Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Viana.

Portanto, manifestações culturais como as congadas — congado ou congo —, realizadas pelo Brasil, consiste em celebrações, expressões de agradecimentos e devoção do povo congolês aos seus governantes, inspirada no Cortejo aos Reis Congos. Segundo Lopes (2008, p. 80), “A cultura tradicional africana não conhece a arte voltada apenas para o prazer estético. Nela, a ação artística tem sempre uma finalidade concreta”. Festividades que revelam tradições, religiosidades, um mergulho cultural e histórico, da vitória da resistência negra, em oposição à opressão branca e escravagista.

A música, quase sempre em conjunto com a dança, para invocar e louvar divindades, em festejos e cortejos coloridos. Coreografados, a festa de preto, que o branco combateu, reprimiu, resistiu e depois, assimilou e absorveu. Manifestações populares, culturais, que indistintamente, abarca e abraça, credos, etnias e todos os níveis sociais. Numa demonstração do quanto às diferenças religiosas e culturais, se interpõem nas mesmas celebrações, compartilhando e coexistindo no mesmo espaço. Prevalecendo a tolerância e a diversidade, manifesta nos autos de fé, seus elementos simbólicos, a religiosidade na Festa do Rosário e na Congada.

Na congada¹², os ternos de congo animam por onde passam o cortejo, com muita dança, aos sons das gungas, patacongas entre outros instrumentos, celeuma e uma irradiante alegria. Catopé ou “catupé”, dança mineira em cortejo, assemelhando-se à congada ou moçambique, em conformidade com Lopes (2015, p. 42). De acordo com Freyre (2004, p. 383), “para eles, dos Congos, Cabindas e Angolas na costa ocidental da África, dos Macuas e Angicos, na oriental, provieram todos os africanos brasileiros”.

Considerações finais

A pesquisa que resultou na proposição desse artigo, encontra-se no seu estágio final, contudo, apontando para alguns resultados relevantes. Entre eles, a percepção e a compreensão pela maioria dos devotos e participantes entrevistados durante os festejos do Rosário (2019-2020), acerca do sincretismo religioso intrínseco nesse auto de fé na cidade de Catalão. Outro aspecto pertinente também observado nas entrevistas com os colaboradores da nossa pesquisa, foi “um certo receio” em se declararem publicamente, sobre suas percepções e as vivências acerca do sincretismo nas celebrações religiosas, inclusive, amplamente reconhecido e respeitado pela Irmandade do Rosário e os ternos de congo, bem como, de forma incisiva e taxativa, negado/ignorado pelos clérigos católicos.

Portanto, compreendermos como as congadas se manifestam e interagem em âmbito popular, secular, possibilitando uma compreensão à luz da Ciência das Religiões e da História das Religiões. Celebrações estéticas, históricas, contribuindo para um olhar assimétrico acerca das tradições públicas, suas dinâmicas com o catolicismo popular e as religiões sincréticas afro-brasileiras. Em consonância com Katrib (2004, p. 27), a “Congada se constitui em sua essência pela espiritualidade advinda de religiões africanas, como o Candomblé e a Umbanda”. Pretos, brancos, mestiços, afortunados, miseráveis, imbuídos no mesmo sincrético auto de fé. A interculturalidade, tradições e as celebrações aos santos padroeiros: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

Nas religiões afro-brasileiras o sincretismo é uma forma de relacionar o preto com o ibérico e o indígena. Estabelecendo alianças, como os escravizados aprenderam nas senzalas, nos quilombos e mantendo elementos das tradições africanas. O imponente legado cultural, sua importância étnica e as tradições populares pelo Brasil. Tradições populares, que contribuem para a formação crítica da consciência coletiva e novos sujeitos, da interculturalidade, dos elementos étnicos, religiosos, que se interpõem nestes autos de fé.

Nessa perspectiva, contudo, percebo a necessidade de novos estudos, novas pesquisas, que possam vir a responder, a algumas perguntas, que ainda clamam por respostas, quanto a essa temática. Bem como, as reflexões que possam contribuir no alicerce de uma sociedade mais justa, multicultural e tolerante. Pautada pelo respeito a diversidade, as especificidades, as singularidades e as subjetividades de cada um, que na essência, resulte no combate ao racismo, na direção de uma sociedade em que a inclusão, a equidade a tolerâncias, sejam os pilares basilares.

¹² Folgado e ritual da tradição afro-brasileira disseminado por várias regiões e ligado aos festejos coloniais de coroação dos “reis do Congo”, mas acolhendo, no seu entrecho, elementos de origem europeia. Também conhecido sob os nomes de congado, congos, bailes de congo etc., seu motivo básico é a evocação de lutas entre grupos hostis mediante a dramatização de embaixadas de guerras e paz (LOPES, 2015, p. 47).

Referências

- ALADRÉN, Gabriel. “O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa”. In: ABREU, Martha, DANTAS, Hebe Mattos, (Org.): **O Negro no Brasil – trajetórias e lutas em dez aulas de história**. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2012.
- ALMEIDA, Dulce Filgueira de. Corpo, Cultura e Sincretismo: o ritual da Congada. **Pensar a Prática**, vol. 15, n. 1, jan./mar., 2012.
- BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História – especialidades e abordagens**. 9ª. ed. – 2013, 4ª. reimpressão, Petrópolis, Vozes, 2019.
- BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro, FUNAPE/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia, UFG, 1985.
- BRASILEIRO, Jeremias. Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais. **Rascunhos**, vol. 3, n. 2, dez., 2016.
- BRETTAS, Aline Pinheiro; FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio MAST**, vol. 5, n. 1, 2012.
- CASTELNAU, Francis de Laporte de. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. Trad. Olivério M de O. Pinto. Tomo II, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1949.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. Vol. 2. 5. ed. - São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.
- FONSECA, Dante Ribeiro da. As raízes do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista Língua Viva**, Guajará-Mirim/RO, n. 1, vol. 2, jul./dez., 2012.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: ano 4, n. 8, jun., 1998.
- FREITAS, Madalena Dias Silva. Manifestações culturais como forma de resistência do negro brasileiro: Festa da Congada. **Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas**. Congresso Internacional de História, Jataí, set., 2016.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal**. São Paulo: Global, 49ª. ed., 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- JÚNIOR, Ademir Barbosa. **Para conhecer os Orixás Xangô**. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

JÚNIOR, Ademir Barbosa. **Para conhecer o Candomblé**. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Nos Mistérios do Rosário: As múltiplas vivências da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão-GO (1936-2003)**. 2004, 27 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – Um Conceito Antropológico**. 13ª. ed. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-brasileira**. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.

LOPES, Nei. **Dicionário Escolar Afro-Brasileiro**. 2ª. ed. – São Paulo: Selo Negro, 2015.

MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a abolição. **Revista Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, ano 8, ed. 70, dez., 2011.

MORAIS, Mariana Ramos de. Festas do Rosário como Patrimônio: entre o vivido e a prática estatal. **Caderno CRH**, vol. 32, n. 86, mai./ago., 2019.

OGLIARI, Aline. **Influência das Culturas Africanas na Cultura Popular Brasileira: subsídios para a prática didática em Artes Visuais**. Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, 46 p, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo, vol. 39, n. 1, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PFEFFER, Renato Somberg. A contribuição do sincretismo brasileiro para a construção de uma ética global. **Conjectura: Filos. Educ**, vol. 18, n. 2, mai./ago., 2013.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, ano 4, n. 8, jun., 1998.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Memória, tradição oral e publicização: manifestações culturais e Patrimônio Imaterial de Congadeiros no sul de Minas Gerais. **XI Encontro Regional Sudeste de História Oral**, Dimensões do público: Comunidades de sentido e narrativas políticas, julho, 2015.

SANTOS, Francimário Vito dos. A política de registro das Congadas em Minas Gerais: mobilização, diálogos e descontinuidades em Santo Antônio do Monte/MG. **Revista CPC**, São Paulo, n. 22, p. 242-266, jul./dez., 2016.

SANTOS, Joceneide Cunha dos. Um olhar sobre as Irmandades do Rosário dos Homens Pretos nas terras sergipanas (1750-1835). **SAECULUM – Revista de História** [25], João Pessoa, jul./dez., 2011.

SANTOS, Vagner José Rocha. A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho: História de fé, (re)existência e comida. **X COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, (Re)Existência Intelectual Negra e Ancestral**, Uberlândia, out., 2018.

SILVA, Carolina Carteli da. Festa ou devoção? Heranças imateriais da congada em diferentes regiões do Brasil. Universidade do Paraná, **Humanas UFPR Portal História**, jul., 2012.

SILVA, Dalva Aparecida Marques. A Formação das Teorias Raciais no Brasil. **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense**, Volume 1, Governo do Estado, Secretaria da Educação, Curitiba, 2010.

SILVA, Sandra Inácio da. **A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural**. 2016. 49 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SIMÃO, Maristela dos Santos. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII**. 2010, 108 p. Dissertação (Mestrado em História da África) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens**. São Paulo: Art. Ed., 1988.

TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. Londres: John Murray & Co., 1871. New York, Harper Torchbooks, 1958.

VIANA, Larissa. “Festas e irmandades negras no Brasil”. In: ABREU, Martha, DANTAS, Hebe Mattos, (Org.): **O Negro no Brasil – trajetórias e lutas em dez aulas de história**. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva, 2012.

Recebido em: 02 set. 2020
Aprovado em: 24 out. 2020

